

# O ESPECTRO NO ESPELHO

Conto de Ernesto Wayne

Diante do espelho a mulher retoca a pintura. Nota, preocupada, o multiplicar-se de dobras da pele no canto dos olhos. Guarda o batom e sai.

No carro, fica pensando no quanto as sobrancelhas depiladas prejudicam a estética de seu rosto. Da ligação com Eduardo, talvez fora: esta observação a única coisa que, no fim de contas, resultara proveitosa. Com efeito, Eduardo tinha razão, as sobrancelhas naturais valorizavam-lhe a fisionomia. No espelhinho do táxi, avalia aquelas duas luas negras encorpando-se sobre o prateado das pálpebras sombreadas e o alastramento da mecha grisalha nos cabelos.

Pensa em Eduardo com uma sensação de alívio e de sossego. O caso com ele, nos últimos tempos, vinha se tornando penoso. Caladão, circunspecto, pouco expansivo, com a mania de fazê-la ler livros enjoados, afastara as amigas e os antigos conhecidos com a sua polídez superior e reservada.

Desce num cinema, o filme "A Dama de Xangai". Observa-se no grande espelho da ante-sala. Já não é a mesma dos vinte e cinco anos, um segundo queixo adivinha-se sob o primelro, os óculos escuros disfarçam o empapuçado dos olhos, a pele parece que não acompanha o contorno do rosto como uma fotografia um pouco fora de foco, uma penugenzinha sugere outra sobrancelha sobre os lábios.

Já tinha visto o filme. O tiroteio no corredor dos espelhos mágicos do parque de diversões em que Rita Haywort é atingida, recorda-lhe o tempo, mais de vinte anos, em que vira a fita.

Não espera terminar a sessão. Na toalete, ao tirar o eslaque, vê no espelho as adiposidades de celulíte presas nas coxas, babados flácidos cingindo a cintura. Passa as mãos nos seios sob a blusa justa de malha, bem menores do que anos atrás. Pensa num regime, numas massagens, nuns exercícios que retardem um pouco os indícios daquele entardecimento.

Refaz a maquilagem, o gesto de passar os indicadores ao longo das sobrancelhas estava se tornando quase um cacoete. Deveria comer menos, evitar gorduras, desistir do jantar e do cafezinho, mas é incapaz de disciplinar-se, de ter força de vontade, sempre com vontade de comer.

Faz um lanche apressado, numa pressa sem razão. Ainda restam-lhe quatro dias de férias. Acendem-se as luzes nas ruas, há a noite inteira toda pela frente. Aproveitaria para ficar em casa, pôr em ordem uns troços, botar fora outros, limpeza planejada para o começo das férias e, por preguiça, sempre protelada. Tira o espelho da bolsa, contempla o rosto. Distra-se nessa contemplação, a ponto de chamar a atenção das pessoas da lancheria. Embaraçada, desiste de corrigir a pintura.

No apartamento, percebe que o despertador não está funcionando. Não importa, está em férias, liberta temporariamente dele e livre de Eduardo. Ordena papéis examina demoradamente fotografias antigas: vestidos compridos de meados da década de cinquenta, o uniforme do colégio com meias de soquete, a fantasia de havalana com flores de papel, na cabeça, a vida cor-de-rosa, você merece confeite dourado... a poeira dos guardados impregna seu corpo.

Vai para o chuveiro. Uma das coisas que a desgostava em Eduardo era a insistência em vê-la no banho, não tanto por pudor, não que aquilo a perturbasse, mas não gostava expor seu corpo naquele começo de decadência, bastava o testemunho do espelho... que parara de refletir no momento em que as carnes nuas tombam no mosaico, o pescoço aberto pela navalha.

Na tarde do dia seguinte, a polícia depara com a imagem paralisada do — o homem de bigode rasgando a garganta da mulher com a lâmina de cabo preto — coagulada na face do espelho que, ao estampá-la, cessara de retratar outras coisas, como um relógio que tivesse parado.

## ALMOÇO

José Degrazia

Por trás dos móveis  
da cômoda,  
o lento passar  
da vida.

A conversa  
durante o almoço,  
as migalhas  
sobre a toalha  
de linho.

O vinho escorrendo  
da cristaleira,  
a gota de sangue  
no tapete.

O grito mudo  
o riso desfeito  
a taça quebrada  
de encontro à parede,  
a palavra cantando.

O gesto, o beijo,  
o passo na sala,  
o rosto no espelho,  
o lenço, a sopa.

O diálogo na hora  
de ir pro trabalho,  
a sobremesa, o café,  
o adeus, o ônibus.

A sala vazia,  
vibrando de teias.  
Tessitura vária  
de tudo o que da vida  
efêmera permanece.

José Degrazia

No momento  
Azado

Asado  
Pássaro

Voa

E  
Val

Embora

Eu  
Não queira

## POEMA XXIV

Maria da Soledade

Quem compra  
meu riso triste  
meu gesto vago  
presente  
meu mosaico de saudade  
meu fundo poço  
de pranto  
meu alto muro  
quem compra?  
Quem compra  
meu ar de espanto  
minha teia girassol  
meu poema insensato  
mais a dor do amanhã.  
Quem compra sonhos  
aos metros  
meu relógio sem ponteiros  
e pendura-os ao teto  
fazendo guirlanda vã.  
Na loja da minha vida  
tudo vendi de fiado  
vendi vestidos de fada  
valeiro de sereia  
e sapato de princesa  
elmo espada de guerreiro  
toucado de castelã  
anel-sinete de rei  
mais carta de um barão  
vendi tomei emprestado  
del troquel arrebatel  
por um punhado  
de pedras  
de tal muro ignorado  
quando ao longe  
te avistel